

**Rio+20: José Mujica e sua lição sustentável**

*Por Julio Dalmaso (LABMUNDO-RJ)*

O Rio de Janeiro vivenciou uma semana repleta de eventos e discussões em torno da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, ou Rio+20, como ficou conhecida em alusão aos 20 anos decorridos da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou Eco 92. Dentre os eventos paralelos o mais importante foi, sem dúvida, a Cúpula dos Povos, evento organizado pela sociedade civil, cuja temática aborda justiça social e ambiental.

A cidade foi tomada por inúmeras pessoas de diferentes nações, regiões e culturas. Um simples passeio próximo às áreas das conferências, em especial o RioCentro e o Aterro do Flamengo, nos levou a visão clássica de homens engravatados e mulheres vestidas em trajes sociais, mas em companhia de indígenas, véus islâmicos, turbantes indianos, e outros tantas vestimentas nem tão estranhas à visão do carioca acostumado à recepção de convidados estrangeiros.

O principal objetivo comum de todas essas pessoas era discutir e apresentar propostas a respeito do desenvolvimento sustentável que, de forma bem resumida, significa desenvolver satisfazendo as necessidades da geração atual, sem que isso comprometa a capacidade de desenvolvimento das gerações futuras, em aspectos sociais, econômicos e ambientais, ou seja, sem que também seja comprometida a capacidade do próprio planeta em fornecer recursos naturais para que haja desenvolvimento.

Como em qualquer conferência que reúna chefes de Estado e governo, sobretudo a respeito de temas difíceis ou polêmicos, espera-se que os discursos de apresentação dos líderes e representantes de países e nações não vá além do protocolo diplomático ou da mensagem de busca pelo consenso com alguns pontos de defesa particulares, importantes para determinação dos limites de como determinado país compreende e irá abordar aquele tema. Entretanto, é natural que alguns discursos ganhem destaque, geralmente pelo teor crítico ou pró-consenso mais exacerbado.

José Mujica Cordano, ou “Pepe” como é conhecido popularmente, é um senhor de 78 anos conhecido por seu tom um tanto irreverente de ser presidente do Uruguai, doa 90% do seu salário a programas sociais do governo<sup>1</sup> e recentemente chegou a oferecer abrigo a sem-tetos no palácio presidencial<sup>2</sup>. Apesar de suas atitudes excêntricas ao comportamento hegemônico dos chefes de Estado, seu discurso na plenária da Rio+20 não foi nem um pouco incoerente ao papel que lhe foi atribuído nas relações internacionais e tampouco estranho ao discurso de muitas organizações da sociedade civil que podem – e devem – abrir mais os diálogos por vezes engessados na lógica do sistema internacional.

Na plenária da Rio+20, no último dia 20, Pepe Mujica exaltou o caráter político para solucionar as questões ligadas aos desenvolvimento sustentável, bem como a vida e a felicidade humanas. A princípio um discurso sem pretensões ou sem tantos termos do “politiquês” internacional, Mujica não fez críticas diretas ou indiretas (como é típico nestes casos) a países desenvolvidos e, se o fez em alguma interpretação, certamente não o pretendia, mas criticou veementemente o sistema capitalista de forma abrangente.

Com questionamentos claros e exemplos simples, como “o que aconteceria se todos os indianos tivessem a mesma capacidade de consumo dos alemães?” ou “uma pequena lâmpada pode ser fabricada para durar algumas centenas de horas, mas também poderia ser produzida para durar duzentas, trezentas mil horas, mas

---

<sup>1</sup> *O Globo* (2012) “Presidente uruguaio vive em chácara e doa 90% do seu salário.”, 8 de junho. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/presidente-uruguaio-vive-em-chacara-doa-90-do-salario-5155911>>

<sup>2</sup> *O Globo* (2012), “Mujica oferece palácio presidencial como refúgio para sem teto.”, 2 de junho. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/06/02/mujica-oferece-palacio-presidencial-como-refugio-para-sem-teto-448556.asp>>

não o fazem por causa da lógica de mercado” o presidente do Uruguai se questionou ainda se era esse o destino do ser humano: “trabalhar, trabalhar, trabalhar e consumir” e afirmou que não o poderia ser, já que “a vida é passageira, curta e não viemos a este planeta para nos desenvolvermos [no sentido de crescimento], mas para sermos felizes”. No ponto mais determinante de sua fala, foi categórico ao dizer que a crise da água e a crise de agressão ao meio ambiente possuem como causa o modelo de civilização que construímos e que, portanto, há a necessidade de se lutar por uma nova cultura.

Para Carlos Walter Porto-Gonçalves, professor do programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em sua análise da Minuta Zero do documento de negociação da Rio+20, a questão energética e ambiental discutida na conferência é tema difícil para obtenção de consenso, principalmente pelas diferentes interpretações e interesses ligados ao assunto. Afirma que é preciso levar em consideração a lógica atual de economia mercantil, onde o conceito de riqueza está ligado a termos simbólicos como o dinheiro. Ainda neste sentido, o autor destaca que o mundo atual vive a conquista do fim do colonialismo, mas não da colonialidade, uma vez que a periferia do mundo, o sul geográfico-econômico do planeta, tem papel fundamental no comércio global como produtor e exportador agrícola/mineral, destinando, inclusive, melhores solos e minas à produção que visa a exportação e não o mercado consumidor interno de seus países.

As críticas à Rio+20 tornaram-se maiores e mais evidentes com a publicação do texto final das discussões que tiveram base na Minuta Zero: O Futuro que Queremos, fruto das negociações entre os Estados nas reuniões de Alto Nível. Neste ponto, é interessante destacar o papel expressivo da mídia convencional – cuja cobertura da conferência foi abrangente e difícil do ponto de vista técnico, não só pela proporção do evento, mas pelo número de fatos, coletivas, reuniões etc que ocorreram em diversos pontos diferentes da cidade - que deu maior ênfase aos pontos falhos das negociações e às análises feitas por entidades insatisfeitas com os

---

<sup>3</sup> Porto-Gonçalves, Walter (2012). “Sustentando a Insustentabilidade: Comentários à Minuta Zero do documento base de negociação da Rio+20”. *Portal EcoDebate*, 1 de fevereiro. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2012/02/01/sustentando-a-insustentabilidade-comentarios-a-minuta-zero-do-documento-base-de-negociacao-da-rio20-artigo-de-carlos-walter-porto-goncalves/>

resultados obtidos, do que ao papel intenso realizado pelo governo brasileiro não apenas na capacidade de ser anfitrião de uma conferência deste porte, mas em saber articular-se diplomaticamente em prol do consenso na aprovação do texto final, ainda que com perdas consideradas graves pela opinião pública e pela mídia, como foi a alteração do texto na questão do direito reprodutivo das mulheres.

Ressalta-se que embora o acordo final da Rio+20 entre os Estados tenha caráter político fraco diante da questão ambiental, o cenário internacional não é muito favorável no momento: a crise econômica global e sua persistência na Europa afastou o interesse de muitos países das discussões, além de ter promovido o discurso da intitulada economia verde em um sentido mais ligado à salvação da própria economia em si do que a preocupação com o meio ambiente e às fontes de recursos naturais.

Na maré de crítica aos eventos ocorridos da semana da conferência, salvaram-se os elogios dado aos acordos encontrados na Rio+C40, encontro ocorrido no forte de Copacabana entre os prefeitos das principais metrópoles mundiais, que conseguiram definir um compromisso de redução da emissão de gás carbônico na atmosfera em 1,3 bilhões de toneladas até 2030. Não menos importante, uma pesquisa divulgada pelo jornal O Globo do movimento Rio Como Vamos mostrou que a maioria dos cariocas sabia do que se tratava a Rio+20 e sua importância para a humanidade, o que também ficou perceptível na organização e eventos realizados na Cúpula dos Povos. Houve uma grande mobilização da sociedade sobre o assunto, o que despertou interesse e - espera-se - mudará os hábitos de muitas pessoas deixando-as mais conscientes de seus impactos na natureza graças aos eventos que ocorreram na cidade.

José Mujica terminou seu discurso afirmando que quando se luta pelo meio ambiente deve-se considerar que o primeiro elemento do meio ambiente é a felicidade humana. Vindo dele, pode soar como uma abstração, mas Pepe certamente entende que a felicidade está ligada não só às boas relações humanas e ao respeito com a natureza, mas à capacidade humana em desenvolver soluções para se viver bem (como a simples produção de uma lâmpada) no sentido mais

---

<sup>4</sup> O Globo (2012), *Caderno Especial Rio+20*. "O carioca sabe o que todo mundo veio fazer no Rio", 22 de junho, p.10

básico possível. Nesse sentido, o conceito de desenvolvimento sustentável nos lembra de que é preciso pensar sobre excessos, mas também sobre possíveis faltas mais essenciais a que estamos sujeitos. ■